

Aprendendo com histórias vida – um estudo sobre biografias e autobiografias

Learning from life history – a study on biographies and autobiographies

Maria Margarida Machado¹

“elaborar a própria concepção de mundo consciente e criticamente..., participar ativamente na produção da história do mundo, ser guia de nós mesmos e não aceitar pacificamente que a nossa personalidade seja formada de fora.”
(Gramsci, 1999, p.94)

Resumo: A pesquisa de pós-doutorado, realizada em 2016, na Universidade de Sevilha – Espanha, buscou aprofundar o uso do recurso metodológico de análise das histórias de vida pelos estudos biográficos e autobiográficos, bem como pela sistematização de conhecimentos e experiências, para identificar as potencialidades e os limites destes recursos, na compreensão da produção de conhecimento dos educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas relações que podem ser estabelecidas entre conhecimentos prévios e os conhecimentos novos, produzidos no processo ensino-aprendizagem e nas suas experiências de trabalho e vida. Neste artigo, apresentaremos os aprofundamentos realizados que contribuíram para a retomada dos conceitos de pesquisa e produção do conhecimento em Ciências Humanas; de educação e aprendizagem; de trabalho intelectual e produção de conhecimento, a partir das narrativas, memórias e depoimentos já recolhidos nas pesquisas realizadas nos últimos anos. As análises conceituais e históricas contribuíram, ainda, para a apreensão do potencial de interpretação das histórias de vida e nos aproximaram da experiência mais concreta de aprendizagem efetivada por Antonio Gramsci, em seu processo de estudos e produção no cárcere.

Palavras-chave: História de Vida; Estudos Biográficos e Autobiográficos; Educação de Jovens e Adultos.

Abstract: The postdoctoral research, carried out in 2016, at the University of Seville - Spain, sought to deepen the use of the methodological resource of analyzing life histories by biographical and autobiographical studies, as well as by systematizing knowledge and experiences, to identify potentialities and the limits of these resources, in the understanding of the knowledge production of the educated and educators of the Education of Young and Adults (EJA), in the relations that can be established between previous knowledge and the new knowledge, produced in the teaching-learning process and in their experiences of work and life. In this article, we will present the deepening that contributed to the resumption of the concepts of research and production of knowledge in Human Sciences; Education and learning; Intellectual work and knowledge production, from the narratives, memories and testimonies already collected in there searches carried out in recent years. The conceptual and historical analyzes also contributed to the apprehension of the potential of interpretation of life histories

1 Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

and brought us closer to the more concrete experiences of learning realized by Antonio Gramsci, in his process of studies and production in prison.

Keywords: Life History; Biographical and autobiographical studies; Young and Adult Education

O percurso da pesquisa

Com o propósito de aprofundar teórica e metodologicamente os recursos de investigações nas Ciências Humanas, organizamos as leituras tomando por referência, as produções que tratavam de histórias de vida, por meio de relatos biográficos e autobiográficos; e as que enfatizavam os desafios da produção do conhecimento, pela análise e sistematização de experiências.

Retomando a visão de Minayo & Minayo-Gómez (2003, p.118), quando afirmam que “Não há nenhum método melhor do que o outro, o método, 'caminho do pensamento', ou seja, o bom método será sempre aquele capaz de conduzir o investigador a alcançar as respostas para suas perguntas [...]”, definimos que, para esta pesquisa, o caminho trilhado foi o do estudo teórico. Do ponto de vista dos procedimentos, tratou-se de pesquisa bibliográfica para aprofundamento sobre as concepções que embasam o recurso metodológico de história de vida e sistematização de experiências, tomado pelo viés histórico. A revisão bibliográfica, todavia, envolveu trabalhos produzidos em vários campos, principalmente das ciências sociais, da antropologia e da história.

Podemos afirmar que o ‘caminho do pensamento’ nos fez elaborar um roteiro de estudos e aprofundamentos, supervisionados pelo orientador, Professor José González Monteagudo, partindo de suas produções (González-Monteagudo, 1996; 2004a, b e c; 2007; 2011), que nos levaram aos autores que discutiam a relação e não relação das pesquisas realizadas, no âmbito das ciências humanas e das chamadas ciências exatas, tais como, Mills (1959), Ferrarotti (1989); Bertaux (1989a e b), dentre outros. Para os estudos mais específicos sobre o recurso metodológico das narrativas, histórias de vida, biografias e autobiografias, lemos Bolívar (1997 e 2002); Bolívar, Domingo & Fernández (2001); Miguel (1996); Muñoz (1992); Ferrarotti (1990, 2010 e 2011).

Ao passo que as leituras dos referenciais teóricos e metodológicos sobre histórias de vida e sistematização de experiência foram avançando, cotejamos esses estudos com a leitura de produções biográficas e autobiográficas. Retomamos, inicialmente, uma produção autobiográfica, intitulada *Tempos Interessantes – Uma vida no século XX*, do historiador Eric Hobsbawm (Hobsbawm, 2002), que já havia sido lida há dois anos, e que possibilitou voltar o olhar de pesquisa mais para as nuances de quem fala sobre si e de como o faz. Ainda nessa fase inicial, optamos por conhecer, por primeira vez, uma narrativa biográfica, porém não de um personagem, mas de uma família. A produção intitulada: *Amor & Capital – A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*, escrita por Mary Gabriel (Gabriel, 2013), resultou de uma ampla pesquisa nos arquivos, sobretudo em Moscou, das cartas trocadas entre Marx e seus familiares, entre Marx e Engels, entre Engels e a família Marx.

Essa dinâmica de estudos concomitantes, entre os referenciais e as produções biográficas e autobiográficas, foi adotada nos quase nove meses desta pesquisa, período que nos possibilitou, nos estudos mais específicos de biografias e autobiografias, conhecer em parte, Blanco White, Frida Kahlo, Pablo Neruda e Antonio Gramsci, como apresentaremos numa síntese mais a frente. Não se pode dizer que foi uma escolha totalmente aleatória, pois o interesse estava em conhecer narrativas de sujeitos históricos que, de alguma forma, tivessem enfrentado grandes desafios pessoais, que os levaram a opções afetivas, profissionais e políticas, que impactaram não apenas suas vidas e de seus familiares, mas atingiram os grupos sociais aos quais se afiliavam.

A *Autobiografia de Blanco White* (1988), que teve sua segunda edição publicada pela Universidade de Sevilha, em 1988, e a biografia desse sevilhano ilustre, publicada por Fernando Durán López (2005), cujo título é: *José Maria Blanco White – o la conciencia errante*, foram as leituras seguintes, desse conjunto de produção narrativa de histórias de vida. Na sequência acessamos a biografia de Frida Kahlo, publicada primeiramente em inglês no ano de 1983, escrita por Hayden Herrera (2004), intitulada *Frida: uma biografia de Frida*. Retomamos mais um relato autobiográfico, com a narrativa encantadora de Pablo Neruda (1993): *Confieso que he vivido*.

A última biografia estudada foi de Antonio Gramsci, publicada por Giuseppe Fiori em 1966, que acessamos na edição espanhola de 2015, intitulada: *Antonio Gramsci – vida de um revolucionário*, e que nos foi recomendada pelos profissionais da Fundação Gramsci, no contexto da visita a Roma em setembro, onde tive o prazer de conhecer o acervo documental e bibliográfico desse importante personagem italiano. O interesse sobre a vida e a obra de Gramsci, remonta dos estudos de mestrado, no final da década de 1990, e das discussões no Programa de Pós-Graduação em Educação, desde 2004, na Linha de Estado e Políticas Educacionais, que me fez aproximar dos conceitos de Estado Ampliado e Partido, objetos de aprofundamento dos estudos de Gramsci.

Todavia, o que me fez voltar a Gramsci, nestes estudos de pós-doutorado, se deve em grande parte aos desafios vividos nos últimos dez anos, quando, orientando os trabalhos de pesquisa da Linha Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, me deparei com a aprendizagem dos trabalhadores, seus conhecimentos escolares e não escolares e os desafios de seguir aprendendo com a experiência “cotejada” pela teoria. A intrínseca relação da práxis na vida de educandos e educadores nos desafiam, enquanto pesquisadores, a sair de um certo “conforto” proporcionado pelos inúmeros estudos de caso que se processam nesse campo, para perguntar: “Mas, de que conhecimento mesmo é que estamos falando?": “O que e como aprendem, na escola e fora dela, os jovens e adultos trabalhadores?”

O reencontro com Gramsci, no pós-doutorado, se inicia por estas indagações, tomando o autor como sujeito de aprendizagem na sua vida adulta. Como trabalhador e militante, que se viu, na condição de encarcerado, em 1926, tendo que reaprender a aprender, para sobreviver à condição que lhe fora imposta pela Ditadura de Mussolini, até sua morte em 1937. Para esse aprofundamento, retomamos sua produção pré carcerária e carcerária, começando pelos seis volumes dos Cadernos do Cárcere (Gramsci, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2002a e 2002b), os dois volumes dos Escritos Políticos (Gramsci 2004a e 2004b) e os dois volumes das Cartas do Cárcere (Gramsci

2005a e 2005b). Do ponto de vista da compreensão de quem foi o autor, as Cartas do Cárcere e a biografia publicada por Giuseppe Fiori (2015), foram fundamentais para a apropriação da produção de Gramsci.

Algumas reflexões produzidas a partir dos estudos

González-Monteagudo (1996) afirma que, num sentido mais restrito de técnica de investigação social, o enfoque autobiográfico, surge no início do século XX, com a sociologia da Escola de Chicago. Porém, o material biográfico é muito mais antigo, e pode reportar-se ao século primeiro antes da era cristã, quando os chineses se utilizavam de esquemas biográficos para reconstituir as histórias dos sujeitos e compreender a organização social coletiva. O uso deste recurso metodológico e narrativo da reconstituição da história de sujeitos e seus coletivos se expressa em inúmeras publicações,

La primera obra orientada autobiograficamente son las **Confesiones**, de San Agustín. A partir de los siglos XV y XVI comienza el género autobiográfico propiamente dicho. Entre los primeros diarios, hay que mencionar los de S. Pepys. En una época posterior, Rousseau, al escribir sus Confesiones, establece el canon por el que se regirá este género literario en el mundo contemporáneo, inaugurando la llamada literatura del yo y poniendo de relieve la importancia de la subjetividad humana e el problema de la identidad personal como problema vital y existencial. (p. 223, grifo do autor).

Neste mesmo artigo, que trata dos aspectos históricos, teóricos e epistemológicos das histórias de vida, o autor destaca sua utilização, enquanto método das ciências sociais, durante décadas, no âmbito da antropologia, para estudo dos aborígenes e das tribos indígenas do norte da América. Ressalta que, da investigação antropológica, os mais frequentes das histórias de vida foram para a descrição cultural, para explicitar os processos de marginalização social de povos, seus câmbios culturais e papéis assumidos, bem como os valores identificados no processo de socialização entre estes povos.

Dos autores apresentados por González-Monteagudo (1996), destacam-se as reflexões expressas por Mills (1959) sobre a necessidade de situar a investigação social, enquanto intersecção entre a história, as estruturas sociais e a biografia. As reflexões de Mills (1959) chamam também a atenção para a tarefa política dos cientistas sociais,

La primera tarea política e intelectual – porque aquí coinciden ambas cosas – del científico social consiste hoy en poner en claro los elementos del malestar y la indiferencia contemporáneos. Ésta es la demanda central que le hacen los otros trabajadores de la cultura: los científicos del mundo físico y los artistas, y en general toda la comunidad intelectual. Es a causa de esta tarea y de esas demandas por lo que, creo yo, las ciencias sociales se están convirtiendo en el común denominador de nuestro periodo cultural, y la imaginación sociológica en la cualidad mental más necesaria. (p. 32-33).

Este autor vai afirmar que não se pode entender de forma apropriada a vida de um sujeito sem as referências às instituições, dentro das quais sua biografia se desenvolve. Por isso, afirma que, para compreender a biografia do sujeito é preciso compreender o significado e sentido dos papéis representados, e que ainda representa, nas instituições que lhe constituíram e constituem. Há aqui um indicativo da necessidade de aprofundamento desta relação indivíduo e coletividade, para compreender os elementos que se expressam nas histórias de vida.

No puede entenderse adecuadamente la vida de un individuo sen referencias a las instituciones dentro de las cuales se desarrolla su biografía. Porque esa biografía registra la adquisición, el abandono, la modificación, y de un modo muy íntimo, el paso de un papel a otro. El individuo es un niño de cierto tipo de familia, un compañero en cierto tipo de grupo de muchachos, estudiante, obrero, presidente de un jurado, general, madre. Gran parte de la vida humana consiste en la representación de esos papeles dentro de instituciones específicas. (MILLS, 1959, p. 174).

Outro aspecto, que nos pareceu relevante, trata-se da apropriação dos estudos biográficos e autobiográficos pelo campo da história, denominada em muitos casos como história oral. É também, nesse artigo de González-Monteagudo (1996), que são feitas várias indicações de aprofundamento de autores do campo da história, tais como, Bertaux (1989a, 1989b); Pineau e Marie-Michèle (1983) e Ferrarotti (1990). Particularmente, chamou-nos atenção, para aprofundamento desta pesquisa, as abordagens de Ferrarotti, como indicadas abaixo,

Apoyándose en la idea de Marx de que la esencia del hombre es el conjunto de sus relaciones sociales y los argumentos de Sartre sobre la praxis humana dialéctica, Ferrarotti afirma que **una vida es una práctica que se apropia de las relaciones sociales (...)**. La **praxis humana totalizante** (noción que Ferrarotti toma de Sartre) es una visión activa no pasiva, dialéctica y no mecanicista ni determinista, que permite superar las visiones sesgadas de lo social. Esta noción tiene implicaciones epistemológicas importantes. La **dialéctica entre el sujeto y lo objeto** provoca que el objeto del conocimiento no sea el otro, sino la interacción imprevisible y recíproca entre observador y observado. (González-Monteagudo, 1996, p. 228 grifos do autor).

Com base nessa perspectiva de práxis humana totalizante, Ferrarotti (2010) faz uma análise crítica dos usos e apropriações dos métodos biográficos e advoga a necessidade de uma renovação destes, com a retomada de aproximação entre o que ele chama de materiais primários, narrativas autobiográficas recolhidas por um investigador, na relação direta com o sujeito da pesquisa, e a sua subjetividade. Afirma ainda que,

Todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana. Ora, se 'a essência do homem [...] é, na realidade, o conjunto das relações sociais' (Marx, VIª Tese de Feuerbach), toda a práxis humana individual é atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio de sua atividade desestruturante-reestruturante. Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos

menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. (Ferrarotti, 2010, p. 44).

A relação entre as narrativas individuais, que se produzem a partir do social, segundo Ferrarotti (2010), explicitam o fato de que um acontecimento, na vida de um sujeito, é sempre a síntese de várias experiências vividas, a partir de uma interação social. Apanhar o sentido produzido por essa interação é o desafio da análise sociológica de uma narrativa, por isso, além de uma questão conceitual e teórica, o uso das biografias implicam numa questão metodológica: ultrapassar a lógica mecanicista e o quadro lógico-formal que caracterizam a epistemologia científica dominante.

[...] Se queremos utilizar sociologicamente o potencial heurístico da biografia, sem trair as suas características essenciais (subjetividade, historicidade), devemos projetar-nos para fora do quadro epistemológico clássico. Devemos procurar os fundamentos epistemológicos do método biográfico noutra parte, numa visão dialética capaz de compreender a 'práxis' sintética recíproca, que rege a interação entre um indivíduo e um sistema social. (...) Razão dialética e, portanto, alheia a todos os 'ocasionalismos', capaz de uma abordagem da especificidade 'lógica específica do objeto específico' (Marx) – capaz de não reduzir o concreto a uma construção conceitual, capaz de 'subir do abstrato ao concreto' (Marx). (Ferrarotti, 2010, p. 49-50).

Aprofundando as implicações epistemológicas que vão ser anunciadas nas reflexões de Ferrarotti (1990), encontramos sua defesa sobre a opção metodológica dos pesquisadores,

Las técnicas no son teóricamente indiferentes. No son neutras. No constituyen una especie de zona franca ni pueden considerarse intercambiables, o sea, aplicables con indiferencia a cualquier problema. Las cuestiones de las que se ocupa el análisis sociológico son cuestiones condicionadas históricamente. Exigen la regulación de los instrumentos técnicos de investigación. Es necesaria una aclimatación crítica que va más allá de los supuestos procedimientos metodológicamente neutros. Sólo una metodología dividida puede escapar al peso de los valores implícitos, precisamente built-in. Pero el precio es alto. Coincide con la pérdida de la conciencia histórica de los problemas. Implica la planificación de la investigación. Se vuelve una irresponsable cuantificación de lo cualitativo. Se produce una curiosa inversión de las prioridades. La medición exacta se arroga el rol cognoscitivo fundamental mientras que su función es en primer lugar instrumental, subordinada y doméstica respecto a las hipótesis orientadoras generales y a las específicas hipótesis de trabajo. Al final todo se sabe, con gran precisión, pero no se sabe más alrededor de qué cosa y por cuál motivo. Junto a la conciencia histórica hemos perdido el sentido del problema. La investigación gira en falso. En el mejor de los casos confirma especulativamente los datos del existente. No llega instrumentalmente a englobar la dinámica de desarrollo de los fenómenos y el sentido de la dirección del movimiento histórico, la naturaleza y el ritmo del cambio social.(p.172).

A essa compreensão de que é necessário ao cientista social assumir metodologias que contemplem uma visão crítica em seu próprio trabalho

investigativo, o autor ainda acrescenta a necessidade do rigor nessa concepção de pesquisa,

A mi juicio la caída en el psicologismo o en desviaciones para literarias hay que imputarla a una carente contextualización. Esta requiere un conjunto de conocimientos históricos, políticos y culturales que consientan la construcción de un cuadro ambiental, social y familiar en el que el dato biográfico se inserte y respecto al cual reaccione. La relación de recíproco condicionamiento a la que dan lugar el texto y el contexto carece de un polo y gira inevitablemente sobre sí misma y se transforma en incomprensible si la contextualización no ha sido realizada con suficiente rigor. (Ferrarotti, 1990, p. 200-201).

A expressão dessa preocupação sobre compromisso crítico e rigor investigativo vai fazer com que Ferrarotti (1990), se posicione sobre os métodos biográficos e a responsabilidade dos cientistas que os empregam,

El investigador que emplee las historias de vida está obligado a seguir el ejemplo de los clásicos y a construirse los instrumentos de investigación en la práctica misma de la investigación, en el contacto directo con los problemas de los que ha decidido ocuparse. En este sentido, hay que afirmar que los métodos cualitativos son accionados por una intención científica cognoscitiva, pero que su justificación última reposa esencialmente en una opción metateórica de naturaleza moral que hace referencia a una concepción de la ciencia como empresa humana, tendiente a resolver problemas y preguntas de la sociedad, fundada en una actitud de respeto y escucha hacia las personas, que son fin y valor en sí y que no pueden ser usadas instrumentalmente ni siquiera con objetivos de conocimiento sin correr el riesgo de 'objetivarlas', o sea negarlas como personas. El investigador tiende a defender su status de profesional en el sentido propio, o sea restringido, de la investigación. (p. 177-178).

Corroborando com essas reflexões de Ferrarotti, encontramos interlocução com pesquisadores espanhóis que vão analisar, na realidade de seu país, como as pesquisas que se apoiam nos suportes teóricos e metodológicos das pesquisas biográficas, autobiográficas e de sistematização de conhecimentos por meio desses. Bolívar (2002) reafirma a necessidade de considerar as especificidades do campo das ciências humanas, quando se analisa a realidade a partir de narrativas de história de vida,

Lo que importa son los mundos vividos por los entrevistados, los sentidos singulares que expresan y las lógicas particulares de argumentación que despliegan. (...) La tarea del investigador, en este tipo de análisis, es configurar los elementos de los datos en una historia que unifica y da significado a los datos, con el fin de expresar de modo auténtico la vida individual, sin manipular la voz de los participantes. El análisis requiere que el investigador desarrolle una trama o argumento que le permita unir temporal o temáticamente los elementos, dando una respuesta comprensiva de por qué sucedió algo. Los datos pueden proceder de muy diversas fuentes, pero el asunto es que sean integrados e interpretados en una intriga narrativa. (p. 50; 52).

Outra parte significativa das análises sobre as pesquisas biográficas e autobiográficas, feita por espanhóis, foram acessadas a partir do periódico *Cuadernos*

Metodológicos, do Centro de Investigações Sociais (CIS) de Madrid, em especial nos cadernos nº 5 e nº17, onde podem ser encontradas as questões formuladas e as tentativas de respostas desses investigadores acerca dos métodos biográficos e autobiográficos.

Muñoz (1992), no caderno nº5, inicia sua reflexão tratando do uso das histórias de vida nas ciências sociais como uma opção do humanismo *versus* positivismo, e segue, no segundo capítulo, com reflexões sobre a perspectiva histórica do uso do método biográfico na antropologia social e na sociologia. Estes dois capítulos introdutórios encaminham o leitor para a questão central da publicação que é apresentar, do ponto de vista deste autor, as vantagens e os inconvenientes que cercam o uso dos relatos de vida nas pesquisas.

Algunas de las principales ventajas son éstas:

1. Posibilita en las etapas iniciales de cualquier investigación la *formulación de hipótesis*, debido a la extraordinaria riqueza de matices y a la profundidad de su testimonio, que nos permite conocer cómo opera en un caso concreto la correlación causal entre variables.
2. Nos introduce en profundidad en el universo de las *relaciones sociales primarias*. A través del relato de vida podemos desplazar fácilmente nuestro foco de análisis hacia las relaciones familiares, hacia las pautas de formación y funcionamiento de las relaciones de sociabilidad (pandillas, grupos de bar, relaciones de vecindaje, asociacionismo), o hacia las relaciones entre compañeros de trabajo (laborales y extralaborales).
3. Nos proporciona un *control* casi absoluto de las variables que explican el comportamiento de un individuo dentro de su grupo primario, que representa el nivel esencial de mediación entre el individuo y la sociedad. Este control se puede ejercer, no solamente a través de la narrativa del sujeto biografiado, sino que puede complementarse con las declaraciones de las personas que constituyen este entorno social inmediato, utilizando la técnica de los relatos de vida cruzados.
4. Nos *da respuesta a todas las eventuales preguntas* que pudiéramos formular a través de encuesta, entrevista o cualquier otra técnica de campo (con excepción, en la mayor parte de los casos, de la *observación participante*), debido a la minuciosidad y el detalle con el que recogen todas las experiencias vitales, así como las valoraciones y cosmovisión del individuo.
5. En los *estudios de cambio social*, el relato biográfico constituye el tipo de material más valioso para conocer y evaluar el impacto de las transformaciones, su orden y su importancia en la vida cotidiana, no sólo del individuo, sino de su grupo primario y del entorno social inmediato.
6. En cualquier tipo de estudio sirve de *control* de las perspectivas *etic* y *macro*, pues aporta el contrapunto de su visión *emic* y *micro*.
7. Muestra *universales particulares* longitudinalmente, ya que integra esferas sociales y de actividad diferentes (familia, trabajo, amistad) y, a la vez, presenta trayectorias concretas y no abstracciones estructurales.
8. El uso de *relatos de vida paralelos*, constituyendo una muestra representativa respecto a nuestro universo de análisis, sustituye a la mejor encuesta o batería de entrevistas.
9. En la *etapa de conclusiones*, en cualquier tipo de investigación, la realización de una o varias entrevistas biográficas nos sirve como un eficaz control de los resultados.

10. En la *etapa de la publicación de los resultados* de una investigación, la historia de vida es la mejor ilustración posible para que el lector pueda penetrar empáticamente e las características del universo estudiado.
(...)

Algunos de los inconvenientes pueden ser éstos:

1. La dificultad práctica, que a veces puede llegar a ser extrema, de *obtener buenos informantes*, dispuestos a colaborar y provistos, además, de una buena historia que contar.
2. La dificultad para *completar los relatos biográficos iniciados*, bien por cansancio del informante, por problemas en la relación con el investigador o por cualquier otra circunstancia aleatoria.
3. La dificultad de *controlar la información obtenida*, si no es mediante observación participante, la realización de *relatos biográficos cruzados* (con individuos del ámbito social del ego estudiado), o, como mínimo, por medio de realización de catas que permitan validar la veracidad de puntos concretos del relato biográfico, por medio de entrevistas a terceras personas.
4. Uno de los principales peligros, muy común entre los científicos que utilizan esta técnica, es pensar que el *relato biográfico habla por sí mismo*, renunciando consecuentemente al análisis en profundidad de la narrativa recopilada.
5. El peligro de la *impaciencia del investigador*, debido a la lentitud o morosidad del sujeto, que suele suponer una presión indebida hacia éste o, lo que es peor, un excesivo direccionismo en las sesiones de encuestas, lo que puede acabar totalmente con la fiabilidad del método.
6. El peligro de la *seducción que produce un buen relato biográfico*, lo que puede significar que el árbol no nos deje ver el bosque. A menudo suele ocurrir que una ‘buena historia’ no es ni la más válida, ni la más representativa (suponiendo claro está que como mínimo sea fiable). A no ser que el objetivo manifiesto de una investigación sea, propiamente, la confección de una *historia de vida*, el criterio principal para la selección de relatos biográficos, para incluir en el material a analizar, es que se ajusten a los criterios de validez (es decir, adecuación a los objetivos temáticos de la investigación) y de representatividad (esto es, que el relato corresponda al tipo de persona que ejemplifica un determinado tipo social, previamente definido).
7. También es peligroso el caso opuesto: el *exceso de suspicacia* o de actitud crítica respecto a nuestro informante; es decir, pensar constantemente que nos está dando gato por liebre. Esta actitud puede echar a rodar toda la labor realizada o, tal vez, puede implicar una situación a la que comentamos en el punto 5 (el excesivo direccionismo de la encuesta).
8. El mayor de los peligros en la utilización de los relatos de vida es la *fetichización del método biográfico*; es decir, pensar que con uno o varios buenos relatos ya tenemos toda la información y todas las evidencias necesarias para pasar a un buen análisis y llegar a conclusiones válidas sobre un determinado problema social. No hay que sobreestimar lo que el método en sí nos puede proporcionar. Por otro lado, es evidente que la propia localización de informantes y la interacción con ellos (antes, durante y después de las entrevistas) significa una inmersión en el medio social al que éstos pertenecen, con lo que en la práctica estamos plenamente sumergidos en una situación de observación participante. Lo que es más importante retener es que, muy frecuentemente, las informaciones más cruciales, las pistas más significativas para una investigación, las obtenemos en esas situaciones de distensión posteriores a la realización de una sesión formal de encuesta. Esos momentos de charla informal, frente a una cerveza o a un café, son tan importantes como la encuesta en sí misma.

9. Una de las situaciones más frecuentes, entre los científicos sociales noveles o entre los estudiantes, es saber qué hacer con los cientos de páginas resultantes de una encuesta biográfica. Hay que tener prevista y resuelta esta etapa de la investigación antes de meternos de lleno a la recogida del material. (...) existen varias elaboraciones posibles del material biográfico, que dependen de las características del propio material, así como del tipo de problemática teórica que hayamos planteado y, también claro está, del tipo de universo social estudiado.

10. Por lo que respecta a la presentación de los resultados de una investigación basada e relatos biográficos, es frecuente que el investigador opte por incluir, total o parcialmente, la transcripción de unas narrativas que tanto le ha costado conseguir. Hay que ser cauto a la hora de decidir la forma de presentación. El uso más frecuente de las narrativas biográficas en la composición del texto final del informe científico es doble:

- a. La inclusión de la transcripción literal en forma de anexos, para ilustrar el análisis previo y también para mostrar la fiabilidad del procedimiento seguido.
- b. Utilizar la técnica de citas en la composición del texto del informe, intercalándolas constantemente para apoyar las informaciones analíticas o interpretativas del autor. (MUÑOZ, 1992, p. 45-47).

Miguel (1996), tratando sobre a escrita de auto/biografias, no *Cuadernos Metodológicos* n.º 17, vai enfatizar o uso dessa técnica de investigação na sociologia, começando com a apresentação dos desafios para escrever auto/biografias, mantendo a relação entre coerência e causalidade. Discorre sobre as dúvidas teóricas e os problemas metodológicos que considera mais relevantes para as investigações que optam por escritas auto/biográficas, deixando uma reflexão aos leitores quando distingue as que podem ser consideradas “espelho” e as que podem ser consideradas “janelas”.

Las auto/biografias pueden ser consideradas como espejos o como ventanas. Algunas auto/biografias son ventanas que permiten contemplar o entender el mundo real, y a través de las cuales se puede conocer mejor la realidad social. Son experiencias colectivas, normalmente de una clase o un grupo social determinado. Representan un método de exploración, una ventana abierta a la realidad. Otras auto/biografias son espejos, es decir métodos de autoexpresión, de entenderse a sí mismo, o de entender a seres queridos o cercanos. No pretenden ser el banderín de un grupo social, ni testimonio de una historia social o colectiva, sino un retrato (más o menos intimista) de la persona que escribe. (Miguel, 1996, p. 49).

Essa distinção entre *espejo* y *ventana* pode ser evidenciada nas leituras que foram feitas nessa pesquisa, de autobiografias e biografias, e que serão apresentadas na próxima parte deste texto. Todavía, cabe reconhecer que para os fins de uma análise histórica encontramos as duas possibilidades em ser espelho e janela, nas autobiografias lidas, sendo que nas biografias, por mais que o foco seja da compreensão do mundo a sua volta, também é possível apreender, de forma muito especial, algumas características próprias de cada biografado.

O que fica evidente, nas pesquisas divulgadas nesses números dos *Cuadernos Metodológicos* é que, para os investigadores das ciências sociais, a avaliação contínua dos processos metodológicos utilizados nas pesquisas biográficas e autobiográficas é fundamental para que as vantagens relacionadas a utilização desses, de fato se concretizem, mas sobretudo para buscar a superação dos limites impostos,

pela implementação de técnicas e pelo tratamento das informações recolhidas, no processo de investigação. Isso vai ficar evidente, por exemplo, nas investigações realizadas na educação como veremos.

Outro aspecto destacado pelos pesquisadores, que vêm se dedicando aos trabalhos biográficos e de sistematização de experiências, é quanto à postura dos investigadores frente aos seus sujeitos de pesquisa. Ferrarotti (1990) assim sistematiza,

Teniendo en cuenta que el cuadro de las relaciones entrevistado–entrevistador queda como uno de los problemas más difíciles del método biográfico, me parece plausible que haya tratado de esconder, a mí mismo y al lector, los efectos del proceso de investigación sobre mí y sobre mis actitudes. He tratado de escapar a las consecuencias de la interacción.

Es obviamente más fácil teorizar la que vivirla. (...)

El método de las historias de vida es extremadamente sincero —y peligroso— porque nos obliga a descubrirnos, porque no permite esconderse detrás de pretensiones científicas y neutralidades instrumentales supuestamente objetivas. (p. 183-185).

Em sua síntese sobre essa interação entrevistado – entrevistador, o autor volta a reforçar que é necessário um pacto entre ambos, criando um respeito mútuo, para que o resultado da dedicação empreendida no processo de investigação seja assumido como resultante dessa relação que se estabeleceu. A cumplicidade necessária nesse processo e o que dela pode resultar, volta a ser destacada em outra publicação de Ferrarotti (2011), quando este enfatiza, mais uma vez, a contribuição do trabalho com histórias de vida para a própria História.

La historia de vida puede ser vista, desde esta perspectiva, como una contribución esencial a la *memoria histórica*, a la inteligencia del contexto. Sin embargo, ligar texto con contexto no es tarea sencilla como parece a primera vista. No se trata sólo de un asunto de aproximación de datos, más o menos pertinentes.

(...) En efecto, la memoria es una realidad plural, dinámica, proteiforme. Más que una realidad dada, fijada, se trata de un magma, de un proceso. Es cierto que no se le puede considerar como una

placa pasiva que registra –de forma neutra, notarial, desde lo externo–nuestras experiencias. Es reactiva, huye al control puramente lógico. Es enigmática, en ocasiones puntualiza en la reconstrucción de los particulares hasta la crueldad, a veces de repente bloqueada, apagada, perdida en un vacío turbio.

(...) La vinculación entre texto y contexto comporta la descomposición del concepto de contexto según una triple directiva:

- a) Contexto en el sentido *histórico*, con su peculiar dificultad en el relacionarse con la memoria individual, no sólo en el sentido de un presunto “abuso” de la memoria que groseramente es equiparada a una suerte de *magazine* de información fragmentaria, sino de un “horizonte histórico” en el sentido de “ámbito problemático”
- b) Contexto en el sentido *evocativo y recreativo*.
- c) Contexto en el sentido de *cuadro objetivo socioeconómicoestadístico*, en el cual el acercamiento numérico es, por supuesto, fundamental. (p. 108; 109;113).

Nesses estudos preliminares sobre os métodos biográficos, autobiográficos e de sistematização de conhecimentos a partir das histórias de vida, sobretudo a partir Ferrarotti e Muñoz, voltamos nossas reflexões para a utilização desses recursos no

campo educacional. A primeira constatação foi a de que sua utilização, no campo das ciências humanas, é bem mais antiga do que sua chegada às investigações próprias do campo educacional, segundo González-Monteagudo (2007), que só vai se dar a partir dos anos 80 do Século XX.

Con un enfoque biográfico se han estudiado importantes aspectos de la educación formal: los estudiantes, los educadores, el curriculum, el aprendizaje adulto, el cambio y la innovación educativos, el liderazgo, el tiempo y el espacio escolares, etc. Un relieve particular han tenido los estudios sobre los docentes: vida cotidiana, aprendizaje de la profesión, ciclos de la carrera docente, pensamiento de los profesores, actitudes ante los cambios y las reformas, desarrollo del curriculum, formación permanente y desarrollo profesional (Bolívar, Domingo y Fernández, 2001, Clandinin & Connelly, 2000, González-Monteagudo, 1996a y 1996c, Goodson, 1992, Goodson y Sikes, 2001, Zabalza, 1988). (p. 91).

Dos autores citados, analisamos, principalmente, as publicações de Bolívar (1995, 1998, 1999, 2000, 2002), onde percebe-se uma preocupação com as investigações biográfico-narrativas no campo educacional, sobretudo como estratégia de formação dos professores, como instrumento de reconstituição da história das instituições escolares e da profissão docente, e como mecanismo para compreensão da epistemologia de uma investigação curricular.

Rompiendo decididamente con una concepción de racionalidad instrumental o tecnológica de la educación, en la cual la enseñanza es un medio para conseguir determinados resultados, la narratividad se dirige a la naturaleza contextual, específica y compleja de los procesos educativos, importando el juicio del profesor en este proceso, que siempre incluye, además de los aspectos técnicos, dimensiones morales, emotivas y políticas. (BOLÍVAR, 2002, p. 45-46).

Em uma publicação dedicada à investigação biográfico-narrativa na educação, Antonio Bolívar, Jesús Domingo e Manuel Fernández (2001) apresentam uma série de reflexões sobre o enfoque e a metodologia deste tipo de pesquisa. A primeira parte dessa publicação aborda as bases teóricas do enfoque narrativo, destaca sua relevância para as pesquisas em educação e os fundamentos filosóficos e epistemológico da narratividade. Em seguida, traz o marco metodológico desse processo investigativo, destacando os problemas que precisam ser considerados ao optar por essa metodologia, avançando para reflexões sobre como nos aproximamos dos dados e como se faz a análise de dados (auto)biográficos. O livro apresenta, em sua última parte, as aplicações das narrativas biográficas, suas formas e usos na área da educação, a partir das pesquisas realizadas com os professores.

A elaboração das reflexões apresentadas nessa publicação, dialoga com vários outros pesquisadores do campo, inclusive com posições críticas em relação às pesquisas já divulgadas. Criticando as pesquisas de Connelly y Clandinin, os autores afirmam que,

No basta dar de modo ingenuo la voz a la práctica, si se ignora que esa práctica está inmersa en una estructura social y es manifestación de un sistema social y político, en que vive y trabaja el profesorado. El enfoque narrativo tiene el grave peligro de limitar la visión y, con ello, al permanecer presa de sus propios límites, de

imposibilita cualquier cambio. (...) Es preciso suplementar las narrativas personales con un proceso crítico que conduzca a los profesores a darse cuenta (y actuar) en estas dimensiones fuera del aula. (Bolívar, Domingo & Fernández, 2001, p. 130).

Estas reflexões nos fazem retornar ao que já fora dito da necessidade de estarmos atentos quando assumimos os referenciais teóricos e metodológicos de investigação com base em narrativas de vida, sejam biográficas ou autobiográficas, quanto à relação objetividade/subjetividade, individual/coletivo, realidade/aparência, memória/história, reprodução da realidade/intervenção na realidade. Todas questões complexas, que me fazem voltar às inquietações iniciais dessa pesquisa de pós-doutorado e tentar compreender o que todas as reflexões trazidas por pesquisadores no campo das pesquisas (auto)biográficas podem contribuir para entender a fala dos trabalhadores e trabalhadoras da EJA que retornam tardiamente ao seu processo de escolarização.

Está claro, após esta análise de autobiografias ou das histórias de vida, enquanto recurso metodológico, do potencial em aprofundar a compreensão dos aspectos individuais e coletivos da constituição dos sujeitos. Como o próprio historiador Hobsbawm (2002), já afirmava, em autobiografia, fazendo uma adaptação da frase de Karl Marx, para expressar que uma escrita desta natureza é capaz de revelar a história do mundo, dando forma a experiência do indivíduo, nos seguintes termos,

[...] os homens fazem [suas vidas], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado; poder-se-ia acrescentar: e pelo mundo à volta delas. (p. 11-12).

Nesta afirmação de que há, de fato, um contínuo entre passado e presente que constituem os sujeitos, muitas indagações nos levaram à necessidade de compreender, ou melhor, apreender, esta constituição. O que fica cada vez mais claro, nos estudos realizados com educandos e educadores da EJA, é que suas histórias de vida, sobretudo expressas nas narrativas sobre família, experiência de escolarização e memória da realidade vivida no campo do trabalho e emprego, têm forte influência sobre suas concepções e atitudes, frente aos desafios postos pelos processos ensino aprendizagem. Marcam um jeito de ensinar e aprender e, por vezes, são fatores limitantes para o avanço da produção de conhecimento destes sujeitos, quer seja ele educando ou educador, por isso, a necessidade de compreender os determinantes expressos nestas falas, o que se espera poder alcançar com uma melhor percepção de como analisar autobiografias e histórias de vida.

As potencialidades de análise das falas dos sujeitos podem ser evidenciadas, por exemplo, nos depoimentos dos professores e alunos, colhidos ao longo dos últimos dez anos de pesquisa que realizamos no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, desde a implantação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja). Num dos eventos de avaliação do Proeja, denominado Diálogos Proeja, em 2010, assim se posiciona uma Professora de Língua Portuguesa e Literatura,

A questão da **formação integral** ressurge no Proeja de forma muito acentuada, e resgata o espaço de discussão pública de educação profissional de formação ampla. **O Instituto** não deve se isentar dessa discussão, tendo que se levar em conta todas as mediações possíveis e imagináveis dentro da educação tem que se levar em conta que qualquer educação é para adentrar no mercado de trabalho, mesmo os filhos da burguesia. A questão é que nós somos um país de excluído e não temos o direito político de nos isentarmos de tentar fazer propostas sérias de mudança. O que, que acontece com o Proeja: O Proeja resgata uma discussão que estes Institutos e todos os outros têm que resgatar, é claro que existem **professores com uma visão ampla de historicidade, de conjuntura, de formação sociológica...** Porém, em sua grande parte as instituições carregam uma formação técnica e pragmática, de subserviência do trabalhador as leis de mercado. E tem como mudar esse quadro sem uma **formação ampla em outros moldes?** Não tem. Por que, que estamos em um Instituto como esse e tão pouco envolvimento? Por que estamos nesta situação? Porque, a maioria dos meus pares teve uma excelente formação técnica, mas ou se apartaram, ou não receberam na sua própria formação, condições objetivas de pensar a educação no que ela tem de mais caro, que construir a emancipação do homem e da sociedade. Vemos essa resistência absoluta, para que os cursos pensem o Proeja como uma possibilidade real, por que é da formação desses professores. Nos precisamos de uma nova concepção de educação dos educandos, para dar conta dessa demanda. Para isso nós podemos fazer **parceiras com os sistemas municipais e estaduais**, para trazer essa formação para dentro dessas instituições, essa resistência não se justifica do ponto de vista da demanda, é da condição dessa sociedade. Eu faço um apelo aos professores dessa forma, que procurem se formar e informar sobre as demandas desses cursos, sem baratear as discussões e a formação dos alunos. (Professora Kênia, IFG, grifos nossos).

Nesse depoimento da professora, que atua há dez anos no Proeja, há um conjunto de questões que nos indicam caminhos possíveis para compreender melhor o papel dos institutos federais na formação integral dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que advoga pela necessidade de uma formação dos professores que seja compatível com as exigências de um curso que pensa a formação integral. Isso corrobora com as várias reflexões apresentadas pelos pesquisadores espanhóis, quando destacam os principais campos de investigação biográfico narrativa em educação.

Os depoimentos dos alunos do Proeja também nos fazem identificar esse potencial na investigação biográfico narrativa, para pensar o currículo, a gestão da instituição e a relação professor-aluno,

Vejo o Proeja como um privilégio, porque hoje nós damos conta de debater, de estarmos aqui dentro deste auditório e **saber reivindicar nossos direitos** dentro do serviço Proeja e vendo a vida de Manuel é um pouco da vida de cada um de nós na verdade. Eu vejo que neste momento para que pudéssemos olhar para o horizonte e ver ele nós tivemos que subir em ombros de gigante e **nossos gigantes são vocês**, hoje o Proeja é visto como a nossa segunda casa e aqui somos bem acolhidos. Eu comecei fazer a EJA em uma escola municipal e deixei, vim para o Proeja, eu passava por esta instituição e falava “será que um dia vou estar aqui”, e **hoje eu estou aqui nesta instituição com muitos horizontes** em poder dar continuidade ao meu processo e prestar vestibular e como eu me sentia um peixe fora d’água, eu não daria conta de falar tudo isso se eu não tivesse o apoio de todos aqui **da instituição que nos abraça**. O Proeja tem que ter segmento tem que continuar e muito mais

forte, que esta seja a primeira, mas de muitas outras que virão. (Alessandra, aluna do Proeja do curso Técnico em Serviços de Alimentação, quinto período, grifos nossos).

Achei interessante ver vocês falarem que o sujeito da EJA é negro, pobre... vocês podem estar falando de mim! **Entrar nesta instituição foi encarar os jovens que olham para a gente e fala no corredor “lá vai o velho da EJA”**; é encarar os professores; é todos os dias ter que pegar duas conduções e chegar em casa meia-noite e ser assaltada, como aconteceu com algumas colegas minha durante este período; é não jantar, é assistir aula com sede muitas vezes; deixar os filhos sozinhos, como tem muitas amigas minhas que deixam, para poder vir estudar; é interessante ver vocês sentados discutindo isso. **Essa sala é boa** tem ar-condicionado, muito confortáveis as cadeiras. Muitas vezes as cadeiras que nós sentamos não são confortáveis, assistimos aula com a cabeça doendo, passando mal por causa de alguma coisa, por falta até de alimentação, **este aluno que vocês estão discutindo é uma pessoa de verdade**, é um trabalhador que sofre para estar naquela sala de aula. Vocês se aplicam muito como professores, mas o aluno também se aplica muito.

Recentemente **eu aprendi a gostar de Machado de Assis** que eu odiava porque eu não entendia. Eu aprendi a gostar de Shakespeare, pela primeira vez eu gostei de Romeu e Julieta, que eu também não gostava. Recentemente **eu pude ensinar** minha filha a fazer uma redação e, mais recentemente, eu a ajudei a passar no vestibular da Universidade Federal, ela agora está cursando farmácia. Então, isso aqui **não é só da instituição**, não é só estatística, é realidade, é sofrimento, é dia-a-dia. O Tião que já deu aula para a gente em todos os períodos sabe muito bem como chega um aluno na sala de aula, tem dias que uma quer matar a outra de tão nervosa. Mas esse trabalho, não é só estatístico, são pessoas. **Eu luto muito pelos meus colegas** eu vou atrás, vou à coordenação, vou à Jaqueline, eu corro atrás de tudo que eu posso para poder ajudar os meus colegas. É um trabalho árduo do professor, mas não se esqueça do aluno, também é doído, então, **quando acha professores como o Tião, o Adolfo e a Kênia não tem como não se apaixonar**. O Tião gosta dos alunos, mas ele tem um jeito de fazer a mulherada calar a boca para ouvir, isso não é fácil. Então parabéns para vocês e muito obrigado por estarem neste trabalho. (Marinelza, aluna do Proeja do curso Técnico em Serviços de Alimentação, quarto período, grifos nossos).

Muitas das expressões de alunos e professores do Proeja do IFG reforçam a perspectiva de que as concepções que orientam a análise de histórias de vida, após o aprofundamento teórico e a compreensão dos recursos e meios para sua interpretação, possibilitarão a retomada do material disponibilizado nos últimos anos de pesquisa, que reúnem entrevistas, memoriais e depoimentos de educandos e educadores de EJA, nas diferentes instituições da rede pública em Goiânia, para a produção de novas análises. Muito desse material de pesquisa foi analisado através de estudos de caso, o que nos remete a refletir se conseguimos fazer uma análise consequente, do ponto de vista teórico e metodológico, do conhecimento produzido a partir deles. A retomada desse material pode contribuir para refletirmos até que ponto as próximas pesquisas não deveriam levar em conta o acúmulo já existente em relação às metodologias biográficas,

Las metodologías biográficas de ‘relatos/historias de vida’ dan cuenta de los procesos de desarrollo profesional e institucional, y posibilitan también, por medio de la reflexión (individual y colectiva) que supone la narrativización de la experiencia adquirida, recuperar el saber y memoria individual o colectiva, poniendo la situación actual en la perspectiva del curso espacial y temporal. La historia de vida profesional,

en la medida que ha transcurrido en un centro escolar, saturada con otras historias de vida paralelas, en un 'relato polifónico', expresa y permite comprender la historia institucional del centro escolar; tanto para orientar sus proyectos a partir de la asunción de los determinantes de su propia historia, como para reapropiar el saber adquirido en su 'memoria implícita'. (Bolívar, Domingo & Fernández, 2001, P. 257).

Embora os depoimentos colhidos nas diferentes pesquisas de estudos de caso, que foram realizadas pela rede de pesquisa da FE/UFG ligada a EJA integrada a Educação Profissional e ao Centro Memória Viva, nos últimos dez anos, não se configurassem em estratégias de pesquisa auto/biográficas e de sistematização de experiências, entendemos que será importante para a retomada desses depoimentos o aprofundamento das críticas apontadas pelos autores estudados, até o momento, e que as reflexões teórico-metodológicas apresentadas, no campo das pesquisas sociológicas e históricas, nos desafiam a uma melhor definição dos que se espera alcançar com as pesquisas com professores e alunos trabalhadores.

Essa fase final dos estudos, após avançar nos referenciais teóricos e metodológicos sobre as narrativas/histórias de vida e voltar aos depoimentos que nos foram dados pelos professores e alunos da EJA, me fez retornar a Muñoz (1992), quando destaca as vantagens e os inconvenientes que cercam o uso dos relatos de vida nas pesquisas. Há uma necessidade de rever o que fazemos com as falas dos sujeitos nos inúmeros estudos de caso, que temos publicado ao longo dos últimos anos.

Alguns dos inconvenientes destacados por esse autor nos possibilitam perguntar acerca do que nós investigamos: como obter bons informantes e uma boa história que contar? Como vencer as dificuldades para completar os relatos biográficos iniciados? O que fazer para controlar a informação obtida do biografado e da realização de relatos cruzados? Que análises em profundidade da narrativa transcrita se pode fazer, já que o relato biográfico não fala por si mesmo? Como controlar a impaciência do investigador? Como escolher relatos biográficos para análises que se adéquem aos objetivos da pesquisa e isto não se configure em um excessivo direcionamento na pesquisa?

Enfim, as narrativas, os depoimentos, as entrevistas podem ainda, se analisadas detidamente, contribuir para chegarmos mais próximo daquilo que tanto se advoga em EJA: compreender as especificidades de ser e aprender dos trabalhadores, na sua individualidade e coletividade, para com isso pensar o processo ensino aprendizagem de uma maneira mais consequente. Este estudo de aprofundamento no uso da História de Vida, enquanto recurso metodológico, poderá contribuir para a retomada da análise deste material acumulado pelas pesquisas de nossa rede, bem como reorientar do ponto de vista metodológico as novas pesquisas que seguirão sendo realizadas no Centro Memória Viva.

Concluindo a partir dos estudos biográficos e autobiográficos

Após o estudo realizado, a primeira constatação que precisa ser reiterada, porque sabemos que não se trata de uma descoberta inédita, é da complexidade que é pensar a realidade a partir de produções auto/biográficas. Tanto a realidade do sujeito que está se colocando a partir de sua própria narrativa, quanto da visão que quem o apresenta nas produções biográficas. Os olhares que se produzem de ambas as formas

de apresentação dos sujeitos, será sempre incompleto, pois não é possível apanhar a realidade na sua totalidade, tendo em vista que o olhar que retrocede sobre essa é sempre uma reinterpretação. Isto não invalida as aprendizagens que podem ser feitas, pois o exercício de aproximação entre as falas dos sujeitos que narraram sobre si ou sobre a vida do outro, e o fatos acontecidos, no contexto de vida desses sujeitos biografados, também apontam chaves interpretativas da realidade que os constituiu.

Nesse sentido, o trabalho de elaborar uma autobiografia ou uma biografia, como já apontavam os autores retomados na primeira parte desse relatório, é sempre um trabalho que resulta num contato individual com o biografado, e coletivo com os principais interlocutores de sua história. Essa narrativa precisa ser contextualizada, quanto ao tempo histórico que vai abarcar e precisa, ainda, levar em conta a intencionalidade do narrador ou do sistematizador das narrativas, quando se tratar de um trabalho biográfico. Isto significa que, as expectativas em torno desse recurso metodológico, podem diferir em muito se o olhar sobre o material recolhido for do interesse de um cientista social, de um antropólogo, de um historiador, de um cronista literário, de um psicólogo.

Para os fins dessa pesquisa, tendo como interesse primordial compreender como se conhece o sujeito pelas suas narrativas, pelas narrativas construídas a partir de sua história, ou ainda pela sua produção intelectual, como no caso das produções de Antonio Gramsci, identificamos uma série de desafios a serem considerados, no momento de optar por estas estratégias como recursos metodológicos. Além de considerar que serão sempre estudos de indivíduos e dos coletivos que os constituíram, há que se considerar os tempos de espaços possíveis para que a investigação se processe. Para tanto, os objetivos que se almejam alcançar precisam estar muito bem definidos, ou se correrá o risco de se perder num emaranhado de depoimentos e pesquisas de contexto, sem saber muito bem o que fazer com tudo isso.

Olhando de forma mais geral para os três textos autobiográficos estudados, é perceptível a diferença entre a natureza da construção narrativa de cada um delas, em função dos seus principais interlocutores. Blanco White informa ao amigo a quem dedica a autobiografia que sua intenção era deixar claro quem ele era e tudo o que viveu; Hobsbawm esclarece à família que sua escrita não será do homem privado, mas do historiador enquanto homem público, que vai falar da sua trajetória no mundo e do contexto; Neruda, como poeta de corpo e alma, escreve seu texto autobiográfico em verso e prosa, seu destinatário é um público que queira apreciar a beleza das narrativas onde ele se apresenta, mas, mais do que isso, apresenta o Chile e todos os lugares por onde andou.

Quanto às produções biográficas, os objetivos dos seus autores e editores, sua formação acadêmica e os interlocutores que elegeram para recompor a história dos biografados influenciarão de forma definitiva na produção final da biografia. Nas quatro biografias analisadas, foi fundamental a interlocução feita pelos autores com a produção dos biografados. Na biografia da família Marx, Gabriel (2013) utiliza como principais fontes documentais as cartas trocadas entre familiares e amigos, e situa a própria construção das produções de Marx, no contexto vivido pela família. No caso de Blanco White, é fundamental o acesso às suas publicações, feitas no período que vivia na Inglaterra, para a compreensão das atitudes que esse intelectual toma frente a Igreja e frente ao Estado, segundo as indicações de López (2005). A biografia de Frida Kahlo (Herrera, 2004) explicita vida, obra e correspondência pessoal, para

apresentar aos autores essa artista mexicana que viveu com intensidade sua arte e se distinguiu entre grandes nomes da pintura em sua época, como seu próprio marido Diego Rivera, o que vai lhe constituir como “uma artista por direito próprio”. Por fim, a biografia de Antonio Gramsci, é um exemplo evidente de como a pesquisa biográfica (Fiori, 2015) pode ser uma ferramenta importante para estabelecer pontes na compreensão da vida e obra de um intelectual, sobretudo pela capacidade de contextualizar as produções jornalísticas desse autor, suas relações nos partidos em que militou e sua vida familiar.

Após essas leituras e reflexões a partir de produções autobiográficas e biográficas, cabe ressaltar as consequências para uma investigação que define utilizar narrativas ou documentos pessoais como fonte principal da pesquisa, podemos ressaltar duas de caráter mais geral e algumas de ordem mais específicas, já dialogando com as pesquisas que acompanho nos últimos dez anos na EJA. A primeira delas é ter clareza da implicação pessoal que representa essa metodologia de pesquisa, pois não há como não se implicar na investigação, seja orientando a elaboração da autobiografia, seja definindo o percurso da elaboração de uma biografia. São escolhas que exigem do pesquisador um posicionamento em relação a onde espera chegar com o trabalho que está realizando.

A segunda consequência, que considero mais geral, é a da necessária maturidade do pesquisador para dar conta, numa investigação de cunho narrativo, em discernir e, ao mesmo tempo, aproveitar bem o que nessa metodologia se pode apreender quanto à relação objetividade/subjetividade, individual/coletivo, realidade/aparência, memória/história, reprodução da realidade/intervenção na realidade. São todos elementos intrínsecos ao processo de investigação biográfico narrativo e que exigem do pesquisador tempo e maturidade para produzir conhecimento, a partir da pesquisa.

Referências

- Bertaux, D. (1989^a) Los relatos de vida em el análisis social. Historia y Fuente oral, 1.
- Bertaux, D. (1989^b) Les récits de vie comme forme d'expression, comme approche et commémoration. En G. Pineau et G. Jobert (Coords.). Histoires de vie. Tome I. Utilisation pour la formation. Paris: L'Harmattan, 17-38.
- Blanco White. (1988) Autobiografía. Colección de Bolsillo. Nº 36, año de 1988. 2ª Edición. Publicaciones de la universidad de Sevilla. Edición, traducción y notas de Antonio Garnica.
- Bolívar, A. (1995) El conocimiento de la enseñanza. Epistemología de la investigación curricular. Granada: Force. Universidad de Granada.
- Bolívar, A. (1997) La investigación biográfico-narrativa en educación. Guía bibliográfica. Granada: Force. Universidad de Granada.
- Bolívar, A. (1999) (dir) et al. Ciclos de vida profesional del profesorado de Secundaria. Desarrollo personal y formación. Bilbao: Mensajero.

Bolívar, A. (2002) “¿De nobisipsissilemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. In.: Revista Electrónica de Investigación Educativa. Vol. 4, No. 1.

Bolívar, A.; Domingo, J.; Fernández, M. (2001) La investigación biográfico-narrativa en educación – Enfoque y metodología. Madrid: Editorial La Muralla, SA.

Bolívar, A. (1989) Breve nota sobre história, biografía y privacy. Historia y Fuente oral 2, p. 51-55.

Bolívar, A. (1990) La historia e lo cotidiano. Traducido por Claudio Tognonato. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

Bolívar, A. (2010) Sobre a autonomia do método biográfico. In.: Nóvoa, António Y Finger, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal/São Paulo: Edufrn/Paulus. p. 31-57.

Bolívar, A. (2011) Las historias de vida como método. In: Acta Sociológica núm. 56, septiembre-diciembre, p. 95-119.

Fiori, G. (2015) Antonio Gramsci – Vida de um revolucionário. Traducción de Jordi Solé Tura. Madrid: Capitán Swing Libros S.L.

Gabriel, M. (2013) Amor & Capital – A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

González-Monteagudo, J. (1996) Las historias de vida. Aspectos históricos, teóricos y metodológicos. Revista Cuestiones Pedagógicas(Universidad de Sevilla), 12, p. 223-242.

González-Monteagudo, J.(coord.) (2004a)Historias de vida y educación de adultos.Número monográfico de la Revista Diálogos. Educación y formación de personas adultas(Barcelona), año X, nº 38.

González-Monteagudo, J. (2007) Historias de Vida y Teorías de la Educación: Tendiendo Puentes. In Encounters on Education. Volume 8, Fall , pp. 85-107.

González-Monteagudo, J. (2004b) Sobre el amplio paisaje de las historias de vida. Diálogos. Educación y formación de personas adultas, año X, nº 38, p. 97-101.

González-Monteagudo, J. S (2004) sobre el amplio paisaje de las historias de vida. (bibliografía comentada).*Diálogos*. Educación y formación de personas adultas, X, nº 38, p. 97-101.

González-Monteagudo, J (2011) As histórias de vida em educação: entre formação, pesquisa e testemunho. In.: E. C. De Souza. Memória, (auto)biografia e diversidade: Questões de método e trabalho docente. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, p. 59-96.

Gramsci, A. (1999) Cadernos do cárcere. Volume 1. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2000a). Cadernos do cárcere. Volume 2. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2000b) Cadernos do cárcere. Volume 3. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000b.

Gramsci, A. (2001) Cadernos do cárcere. Volume 4. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2002a). Cadernos do cárcere. Volume 5. Edição e Tradução de Luiz Sérgio Henriques; Coedição de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2002b) *Cadernos do cárcere*. Volume 6. Tradução, organização e edição de Carlos Nelson Coutinho, de Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2004^a) Escritos Políticos. Volume 1. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2004b) Escritos Políticos. Volume 2. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2005b) Cartas do cárcere. Volume 1. Tradução Luiz Sérgio Henriques; organizadores Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Gramsci, A. (2005b) Cartas do cárcere. Volume 2. Tradução Luiz Sérgio Henriques; organizadores Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. Brasileira.

HERRERA, Hayden. (2004) Frida – Una biografía de Frida Kahlo. Traducción por Angelika Scherp. Séptima edición. Barcelona (España): Editorial Planeta S.A.

Hobsbawm, E. (2002) Tempos interessantes – uma vida no século. São Paulo: Companhia das Letras.

López, F. D. (2005) José María Blanco White – o la conciencia errante. Sevilla (Espanha): Fundación José Manuel Lara.

Miguel, J. de. (1996) Auto/biografias. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

Mills, C.W. (1959) La imaginación sociológica. México: F.C.E.

Minayo, M. C. S.; Minayo-Gómez, C. (2003) Díficeis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: Goldenberg, P.; Marsiglia, R. M. G.; Gomes, M. H. A. (Orgs.). O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, p.117-42.

Muñoz, J. J. P. (1992) El método biográfico: el uso de las historias de vida em Ciencias Sociales. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

Neruda, P. (1993) Confieso que he vivido. Barcelona (Espanha): RBA Editores, S.A.

Pineau, G. (1983) Produire sa vie. Autoformation et autobiographie. Montreal: Saint-Martin, 1983.